

DISCURSO DE FORMATURA PARA OS ALUNOS DA FEF

1996 (10/1/97)

Boa noite a todos!

Meus queridos alunos, de hoje em diante, colegas de profissão:

Há dez anos sou docente da UNICAMP e nunca tinha sido convidado para ser paraninfo de uma turma, fato que muito me honra. A primeira coisa em que pensei quando fui notificado que seria paraninfo desta turma foi: “Devo ter errado em alguma coisa. O quê eu devo ter feito de diferente para ter sido escolhido dentre muitos outros docentes do curso?”. Pretendo aqui tentar adivinhar o porquê de minha escolha e, para isso, vou lembrar de algumas de nossas aulas. Vocês se lembram, por certo, de que em todas as aulas havia uma frase no quadro, um trecho de música, um verso de alguma poesia, um pensamento. Essas frases funcionavam como um lema, um lembrete, uma ilustração da discussão que viria a seguir, uma pequena e poética síntese da aula.

Na primeira aula emprestei de Paulinho da Viola o seguinte verso: “*As coisas estão no mundo, só que eu preciso aprender*”. A idéia da aula era estimular em vocês, então alunos de primeiro ano, a curiosidade científica e o desejo de olhar para as coisas do mundo cada vez menos de uma forma leiga e preconceituosa e cada vez mais de uma forma científica, elaborada e, sobretudo, sem preconceitos. Minha intenção era a de mostrar que para fazer pesquisa não basta um arcabouço teórico e um conjunto de medidas e testes. É necessário, antes de tudo, saber olhar e saber perguntar. Voltando ao filósofo, as coisas estão no mundo, basta olhar para elas, perguntar para elas

e aprender com elas. Vendo vocês hoje, eu tenho certeza que vocês dão conta de olhar, pensar e atuar no mundo de uma forma competente, inteligente, articulada e consequente.

Numa outra aula, talvez a segunda, utilizei uma frase atribuída a Bertold Brecht, o grande poeta, romancista e dramaturgo: ***“O que está, por ser tal como é, não vai ficar tal como está”***. A intenção da frase e da aula era colocá-los diante da certeza de um mundo dinâmico, inacabado e carente de mudanças. No caso do Brasil, urgente de transformações. De que pode servir todo conhecimento científico e tecnológico senão para contribuir com um mundo mais solidário e mais justo? Vocês sabem que o Brasil possui cerca de 24 milhões de indivíduos que se encontram abaixo da linha de pobreza, o que significa quase 20% da população. Isso é dramático! Vocês sabem também que, neste país, vocês se constituem numa minoria que conseguiu chegar a uma universidade e concluí-la. Além disso, vocês cursaram uma universidade pública, que é mantida pelos impostos que todos nós aqui presentes pagamos. Mas que é mantida também pelos impostos de pessoas que nunca pisaram na UNICAMP e jamais pisarão. Cabe também a vocês, com o título que hoje recebem, proporcionar esse retorno à sociedade, contribuindo para as transformações que o Brasil urgentemente carece, para que o que está, por ser tal como é, não fique mais como está, como dizia Bertold Brecht.

Em outra aula, illustrei a discussão com a seguinte frase de François Laplantine: ***“Aquilo que os seres humanos têm em comum é sua capacidade (cultural) para se diferenciar uns dos outros”***. Essa discussão rendeu várias aulas, já que meu objetivo era o de relativizar e confrontar nossa tendência histórica em achar que todos os nossos comportamentos são

frutos de determinismos biológicos. Ora, os homens, biologicamente falando, são muito semelhantes e reagem, de maneira geral, de forma muito similar. No entanto, olhando mais de perto, vemos que a diversidade cultural na humanidade é extremamente grande e que os costumes, crenças e, principalmente, valores, são construídos no seio de um dado grupo e, sejam eles quais forem, dão sentido àquele grupo e aos seus membros. Acho fundamental que profissionais de qualquer área, particularmente e principalmente professores, estejam atentos às diferenças apresentadas pelos seus alunos, sabendo que elas não são apenas determinações biológicas imutáveis, mas variações culturais, que devem ser consideradas a fim de que a competência profissional que vocês possuem atinja e beneficie de fato os nossos alunos. Tenho certeza de que vocês já sabem que tudo é cultural, inclusive o sanduíche natural.

Noutra aula, recorri a um trecho de uma música composta por Milton Nascimento, Lo Borges e Márcio Borges, que dizia assim: ***“Porque se chamavam homens, também se chamavam sonhos e sonhos não envelhecem”***. Gostaria que vocês levassem para suas vidas essa frase. É inerente ao homem sonhar, projetar em algum lugar do futuro, perspectivar o seu destino. São os sonhos que nos alimentam e dão sentido ao nosso presente. Mas para sonhar é preciso a humildade de saber que somos e sempre seremos incompletos, inacabados. Vocês já devem saber que o título profissional que hoje vocês possuem, se, por um lado, dá a vocês alguma capacidade para atuar na sociedade, por certo está longe de completar a carência que todos nós possuímos. E o processo de conhecimento, como eu costumo dizer nas minhas aulas, é particularmente frustrante, porque quanto mais se sabe, mais se sabe também o quê não se sabe. Mas podemos atuar

profissionalmente alimentando nossos sonhos de fazer cada vez melhor, sabendo cada vez mais e dispostos a sempre aprender. Por isso que eu não desejo a vocês, nem a ninguém, que sejam simplesmente felizes. Porque a felicidade, ou, melhor dizendo, a pseudo-felicidade, pode mascarar esse processo de contínuo movimento, feito de sonhos, desejos, curiosidades e algumas frustrações, mas que nos mantém vivos.

Essa discussão dos sonhos está relacionada com uma outra frase, apresentada numa outra aula. Também é um trecho de uma música, dessa vez, de Aldir Blanc e João Bosco, e diz assim: ***“A esperança dança na corda bamba de sombrinha, e em cada passo dessa linha, pode se machucar. Azar, a esperança equilibrista sabe que o show de todo artista tem que continuar”***. Por certo, vocês irão cair da corda bamba e vão se machucar. Várias vezes. Faz parte do contínuo aprendizado. Mas vocês vão também se levantar e tentar de novo. Várias vezes. Não tem jeito, é inerente à vida de equilibrista e, afinal, o show de todo artista tem que continuar.

Voltando à minha pergunta inicial, em que eu tentava saber por que eu fui escolhido para paraninfo desta turma, entendo que as nossas discussões, que eu tentei, em parte, reproduzir aqui, foram, de alguma forma significativas para todos vocês. Acredito que uma aula significativa é aquela que consegue fazer uma mediação precisa entre um conhecimento que efetivamente deve ser transmitido e um dado grupo, que deve reconstruir esse conhecimento. Se a ênfase cair apenas sobre o conhecimento, poderemos ter uma aula erudita, profunda em termos científicos, mas extremamente monótona, que será incapaz de sensibilizar os alunos. Por outro lado, se a ênfase for depositada na dinâmica da classe e na sensibilidade dos alunos, correremos o risco de desenvolver nas aulas bate-papos deliciosos,

motivantes, que se estenderão nas cervejas após a aula, mas que não estarão desenvolvendo conhecimento algum. Creio que no nosso caso, nós encontramos a medida certa desse processo: trabalhamos um conhecimento, desenvolvemos conteúdos, e sempre de uma forma interessante. Tenho claro que esse mérito não é somente meu, mas de todos nós que sempre tentamos tornar nossos encontros significativos.

Lembro-me da última aula do curso, em que, tentando avaliar o processo desenvolvido, coloquei como parâmetro o fator tempo. Não o tempo enquanto medida física, que tinha passado naquele semestre como sempre passa, de forma irreversível e inexorável. Mas o tempo simbólico, que nos dá a dimensão do significado das coisas. E concluímos, ao final da nossa disciplina - podemos ampliar para o final do curso -, que tínhamos aproveitado o tempo, que não éramos mais os mesmos de quando iniciamos, que nos transformamos, que podíamos pensar coisas que antes não pensávamos, que podíamos fazer coisas que antes nos pareciam impossíveis. Somos mais velhos sim, mas este é o preço para termos feito tantas coisas interessantes.

Nós, às vezes, brigamos contra o tempo, achamos que ele está passando rápido demais, ou achamos que estamos perdendo tempo ou procuramos um passatempo quando queremos que ele passe. E, no entanto, ele pode ser nosso aliado, quando tornamos significativas as coisas que fazemos ao longo do tempo. Gostaria de encerrar lembrando mais um trecho de música que para mim conseguiu fazer uma bela síntese sobre o tempo. Os versos de Nilson Chaves e Vital Lima dizem assim: ***“O tempo é que me deu amigos, e esse amor que não me sai. Que doura os campos de trigo e os cabelos de meu pai. Faz rebentar paixões, depois se nega às criações. E***

assim mantém a vida. O que acontecerá aos corações, se o tempo não passar?”.

Gostaria ainda de dizer que me sinto extremamente gratificado por ter tido a chance de conviver nesses anos com cada um de vocês e por vocês terem me ensinado a ser professor. Obrigado.

Campinas, 10 de Janeiro de 1997.

Jocimar Daolio